

OSVALDO BRANDÃO
E JÂNIO QUADROS
JUNTOS OUTRA VEZ



PLACAR

N.º 813 20/DEZEMBRO/1985 Cr\$ 11 000

PALMAS PARA O TRICOLOR QUASE CAMPEÃO

ACRE, ALAGOAS, AMAPÁ, AMAZONAS, BAHIA, CEARÁ, MATO GROSSO DO SUL, MATO GROSSO, PERNAMBUCO, PIAUÍ, RIO GRANDE DO NORTE, RORAIMA, RONDÔNIA, SERGIPE, Cx\$ 15 000 - 0563

TELÊ EXCLUSIVO:
"QUERO
VOLTAR NOS
BRAÇOS
DO POVO

Darío Pereyra

A FOTO DA SEMANA



Está pintando no ar um cheiro de campeão paulista: é o São Paulo de Careca, Müller e Falcão — personagens importantes na vitória tricolor sobre a Portuguesa (3 x 1), que deixa o time a um passo do título. Domingo, no mesmo Morumbi, o São Paulo só precisa de um empate

CARO LEITOR

Os sonhos de Telê e a confissão de Brandão

Dois técnicos que ajudaram a escrever parte da história do futebol brasileiro voltaram às manchetes na semana passada. Um, Telê Santana, o favorito nas pesquisas para reassumir a Seleção, ganhou todo destaque na imprensa ao desembarcar no país, depois de uma temporada na Arábia Saudita. Outro, Osvaldo Brandão, que andava desaparecido dos noticiários, surpreendeu com seu reaparecimento no Corinthians, no qual irá trabalhar como gerente de futebol.

Ambos merecem as atenções desta edição de PLACAR. Telê, logo ao chegar a seu sítio em Belo Horizonte, recebeu o editor Marcelo Rezende para uma longa entrevista. Nessa conversa, publicada a partir da página 33, ele não só admite que gostaria de dirigir a equipe do Brasil no México como também fala, pela primeira vez, da derrota na Espanha.

Já Brandão ressurgiu no mesmo momento em que um contemporâneo seu, o ex-presidente Jânio Quadros, prepara-se para ser empossado na Prefeitura de São Paulo. Ouvidos pelo repórter Nelson Urt, Brandão confessa que votou em Jânio, a quem conhece há 40 anos, e Jânio, que é corintiano, revela-se um antigo admirador de Brandão. Ao ler a reportagem de Urt, publicada na página 26, descobre-se que suas carreiras profissionais têm sido, de certa maneira, curiosamente paralelas. Para o bem e para o mal.

Carlos Maranhão

Telê e Marcelo Rezende: revelações



SUMÁRIO

Atlético, campeão mineiro	4
Decisão paulista: São Paulo na frente	8
Decisão carioca: Bangu x Fluminense	12
Pernambuco: Náutico bicampeão	16
Juca Kfour	18
Santa Catarina: Joinville de novo	19
De Primeira	20
Sidney, um tricolor diferente	22
Coincidências entre Brandão e Jânio	26
Washington, do Flu, por dois tris	28
Entrevista: Telê Santana	33
Roberto Dinamite para presidente	38
O fim da carreira de Dé	40
Caio Júnior, o goleador do Grêmio	43
Os gigantes brasileiros do basquete	46
Sima, um fenômeno do Piauí	50
Esporte Total	52
Elba Barbosa, a irmã de Zequinha	54
Os coadjuvantes da Fórmula 1	56
Onde Anda... Baiaco	66
Os classificados da Segundona	67
Campeonato Baiano	68
Os grupos da Copa do Mundo	80



DECISÃO PAULISTA

O Morumbi já é uma festa

Depois do show nos 3 x 1 contra a Portuguesa, o São Paulo só precisa de um empate para ser campeão

Careca salta para comemorar seu 23.º gol neste campeonato

O artilheiro Careca voltou a deslumbrar sua torcida

O futebol que levou ao delírio a maior parte dos 94 682 torcedores que quase lotaram o Morumbi no domingo passado depende agora de um empate para ganhar o título de campeão paulista e coroar uma campanha sensacional. Ao vencer a Portuguesa por 3 x 1, com dois gols do artilheiro do campeonato, Careca, e outro de Dário Pereyra, de pênalti, o São Paulo reverteu para si a vantagem que antes pertencia ao adversário, dono até então da melhor campanha ao longo dos dois turnos.

O São Paulo, porém, iniciará a semana diante de uma difícil tarefa — a de afastar do Morumbi o clima festivo que se apossou da torcida a partir dos 32 minutos do primeiro tempo, quando Dário Pereyra, um dos heróis da tarde e de toda a temporada, aproveitou um pênalti do lateral César no ponta Sidney. “Quem pensa que vamos ter moleza domingo que vem está enganado”, prevenia Dário. “Não ganhamos nada ainda e a Portuguesa sabe disso.”

E como sabe. Do outro lado da linha

de batalha, o capitão Luís Pereira manda um aviso que, por certo, ajudará Dário e seus companheiros a refletirem sobre o resultado. “Eles podiam ter ganhado até de 10 x 0 que a situação seria a mesma. A Portuguesa ainda depende de si mesma.” De fato, se ganhar a segunda partida — por qualquer contagem —, a Portuguesa forçará a realização de uma prorrogação de 30 minutos. Nessa eventual prorrogação, ela jogará pelo empate.

Se depender do goleiro Gilmar, a decisão do campeonato só irá mesmo começar no próximo domingo. “A emoção por uma bela vitória é muito grande, mas só agiremos conscientemente

se passarmos uma borracha neste primeiro jogo”, adverte. “Não será esta vitória que nos dará o título. Nem podemos agora trabalhar em cima da vantagem do empate.”

Seria impossível para Careca, com certeza, passar uma borracha em sua brilhante atuação. A torcida anda cada vez mais maravilhada com seu futebol de fino toque de bola, velocidade e conclusões mortíferas, que lhe valem a liderança da artilharia do campeonato, agora com 23 gols. Assim, foi com grande dificuldade que Careca conseguiu romper o cerco dos torcedores que invadiram o vestiário do São Paulo. Ao tomar o elevador e rumar para a concentração, no 2.º andar do estádio, Careca ainda mostrava o uniforme molhado, grudado ao corpo, sem poder entrar numa refrescante banheira. “Prometi um gol e marquei dois”, contava. “Domingo vai ter mais.”

Como seu contrato vence no fim do mês, reabriu-se a possibilidade de que venha a ser negociado com o futebol europeu. Ganhando 25 milhões de cruzeiros mensais, Careca não pedirá menos que 100 milhões para renovar, sem contar as luvas. “Seu futebol esteve em baixa no ano passado, mas agora chegou sua vez”, adverte Josias Marques, um de seus amigos.

O DESTINO DO ÍDOLO

É possível que isso aconteça. O presidente do clube, Carlos Miguel Aidar, desafiando o apego de uma torcida cada vez mais deslumbrada com a arte do grande artilheiro, não esconde o que pode acontecer: “O São Paulo venderá Careca depois da Copa do Mundo. Basta ele estar disposto a sair”. Aidar prevê que no final da Copa o nome de Careca saltará muitos pontos na cotação da bolsa do futebol. “Tenho certeza de que ele será a sensação do México.”

O empresário José Tomás Fonseca, o Madeira, intermediário na vinda de Falcão — outra brilhante estrela de domingo —, pode entrar em ação de novo na saída de Careca. Madeira define apenas como boatos as afirmações de que Careca já estaria vendido antes mesmo de começar a Copa. “Ninguém é bobo de vender jogador antes da Copa”, sustenta. “E, se Careca sair, será para Itália ou Espanha. Os clubes franceses não têm dinheiro para investir em jogadores de primeira linha.”

Careca, é claro, anda preocupado com a renovação do contrato, mas só



NICO ESTEVES

Falcão, contra Luís Müller, da Portuguesa: uma brilhante estrela de domingo



Müller, 19 gols no campeonato, mergulhando diante de Edu: "O importante agora será ganhar o título de campeão"

vai tocar no assunto diretamente com os dirigentes assim que puder contar como trunfo o título do campeonato. Por enquanto, ele se delicia com os abraços dos companheiros e da torcida, e com uma disputa particular com seu parceiro de ataque Müller, que domingo permaneceu com seus 19 gols — para alcançá-lo ele terá de marcar mais quatro. "A gente briga pela artilharia, mas coisa mais séria será ganhar este título", afirma Müller, que no lance do segundo gol cruzou com perfeição uma bola na cabeça de Careca.

AMEAÇAS DA PORTUGUESA

"Um centroavante com sua habilidade só poderia mesmo ser artilheiro", conclui o técnico Cilinho. "Por justiça, ele será o titular da camisa 9 no México."

Ninguém melhor que Luís Pereira para endossar a opinião de Cilinho: "Care-

ca é um dos maiores goleadores do país, mas quem começou a nos complicar foi o juiz. Aquele pênalti não existiu".

O nome do ex-sargento da Polícia Militar e professor de Educação Física Antônio Paula e Silva, 38 anos, surgiu para apitar o jogo depois de muita confusão. A Portuguesa ameaçou não entrar em campo se Dulcídio Wanderley Boschilia, Ulisses Tavares da Silva Filho e Almir Ricci Peixoto Laguna entrassem numa lista de seis árbitros de onde sairia, por sorteio, o apitador. "Eles assinaram um documento em que se recusavam a dirigir jogos da Portuguesa", lembrava o presidente Osvaldo Teixeira Duarte. O levante do dirigente luso provocou uma vítima. O presidente da Federação Paulista de Futebol, José Maria Marin, ainda no sábado, assumiu a chefia do departamento de árbitros e designava Antônio Paula e Silva. Em seguida, recebeu sem espan-

to a demissão de José Astolfi, diretor do departamento. "A Portuguesa teve uma vitória nos bastidores mas em campo perdeu a vantagem que levava", retrucava o diretor de futebol do São Paulo, Juvenal Juvêncio. "Para o São Paulo, qualquer juiz serve. Nosso forte é o grande futebol", completava o presidente Aidar.

Até no começo da tarde de sábado, quando se resolveu o impasse, o presidente da Portuguesa pedia aos torcedores que não comprassem ingressos. Isso, segundo os são-paulinos, impediu que o público fosse maior e ameaçasse o recorde do Morumbi, que ainda pertence ao segundo jogo da decisão entre Corinthians e Ponte Preta, em 1977, com 138 032 pessoas. Só não impediu que o São Paulo ganhasse — e esteja agora com a mão no título.

**Nelson Urt e
João Carlos Rodriguez**



Empenho dentro de campo: uma espécie de anti-herói do time, buscando a perfeição exigida pelo técnico Cilinho

SÍDNEY

Raça, suor e tranças

A garra do ponta são-paulino, veloz no campo e na vida, ao ritmo ousado da incrível roqueira Madonna

Diariamente, um rapaz com ar de irreverência e roupas coloridas com inscrições em inglês atravessa o grande portão do Estádio do Morumbi para trabalhar. Ao passar, nin-

guém fica indiferente ao brilho de suas longas tranças, conservadas à base de um produto de beleza, chamado New Wave, nem a seu jeito displicente, em flagrante contraste

com o ambiente e os demais integrantes do grupo a que pertence.

Sídney, de fato, pouco tem a ver com seus companheiros de São Paulo, todos eles discretos e com aparência



SERGIO BEREZOVSKY

Elegância fora de campo: roupas exclusivas compradas nas boutiques dos luxuosos shoppings

austera, alguns até mesmo impregnados pelas lições do Evangelho, casos de Silas, Müller e Márcio Araújo, por exemplo.

A diferença cresce e gera muita controvérsia principalmente nas ocasiões em que o meticuloso técnico Cilinho resolve indicar o banco de reservas para o ponteiro. "É uma marcação cerrada", diz Sídney. "Não sou um simples apitador de treinos", rebate o treinador. "Sou, antes de tudo, um formador de homens."

Sem dúvida, muita gente tem procurado justificar as oscilações de Sídney do gramado para o banco a partir da imagem formada por ele próprio, uma espécie de Paulo César Lima mais comedido. Mas os rigores de Cilinho começam mesmo dentro do campo. Ele costuma introduzir bilhetinhos diários no armário do jogador, nos vestiários, com uma frase — "Do fundo para trás". Ou seja: sugerindo a fórmula da precisão e capricho nos cruzamentos.

Já nos treinamentos, Cilinho procura mostrar ao jogador que não basta

ser apenas veloz. Não se chega a lugar nenhum. É preciso, também, atingir a linha de fundo e cruzar com perfeição. Cilinho costuma colocar-se na área com três camisas nas mãos — amare-

la, vermelha e branca. E, ao cruzar, Sídney é obrigado a erguer a cabeça e dizer qual a cor da camisa que o técnico levantou, num exercício exaustivo para apurar os reflexos.

Os fantasmas: contusões e o pé pequeno



NELSON COELHO

O excessivo zelo demonstrado por Cilinho em relação ao ponta-esquerda do São Paulo já induziu a muitas interpretações. Seria perseguição? "Não", apressa-se o técnico. "Ele é um grande jogador. Apenas precisa saber que existem homens que são importantes porque lutam por um dia; outros são melhores porque lutam todo ano; outros, ainda, são imprescindíveis porque lutam sempre. Sídney tem de aperfeiçoar sua chama de vencedor."

Os companheiros no clube também não acreditam em discriminação. "Aqui, não existem bodes expiatórios", assegura o goleiro Gilmar. "Todos assumem os erros." O ponta-esquerda admite que, às vezes, ostenta rebeldia ao saber que

SÍDNEY

será barrado. "Reclamo porque 'seu' Cilinho não diz o motivo de minhas saídas, porém é o melhor técnico com quem já trabalhei", reconhece.

Ex-hippie, Sidney é um dos jogadores mais bem-humorados do elenco do São Paulo. A exemplo de Getúlio, ex-lateral-direito do time, ele também cultiva o hábito de colocar apelidos em todos. Ao chegar para os treinos, vai cumprimentando um por um em tom zombeteiro: "Olá, Cara-Preta (*Freitas*); como é que é, Cobra (*Silas, por causa das espinhas*); tudo bem, Mala (*Müller, porque tem nádegas grandes*)?" Falcão, o maior nome de um elenco de estrelas, não faz restrições ao comportamento de Sidney. "Ele é a alegria do grupo fora de campo e, lá den-

"Não tenho medo de feras, nada mais me impressiona"

ção — e jogado ao lado de craques que ele chama de feras, como Marinho Chagas e Serginho. "Não me impressiono com mais ninguém", garante o jogador de 22 anos de idade, campeão mundial de juniores no México em 1983. Convocado pelo técnico Jair Pereira, acabou disputando apenas uma partida devido a uma entorse no jogo com a Nigéria.

Na verdade, as contusões também

partidas pelo Campeonato Paulista. "É disciplinado, cuida-se bem e não tem frescuras", testemunha o massagista Hélio Santos.

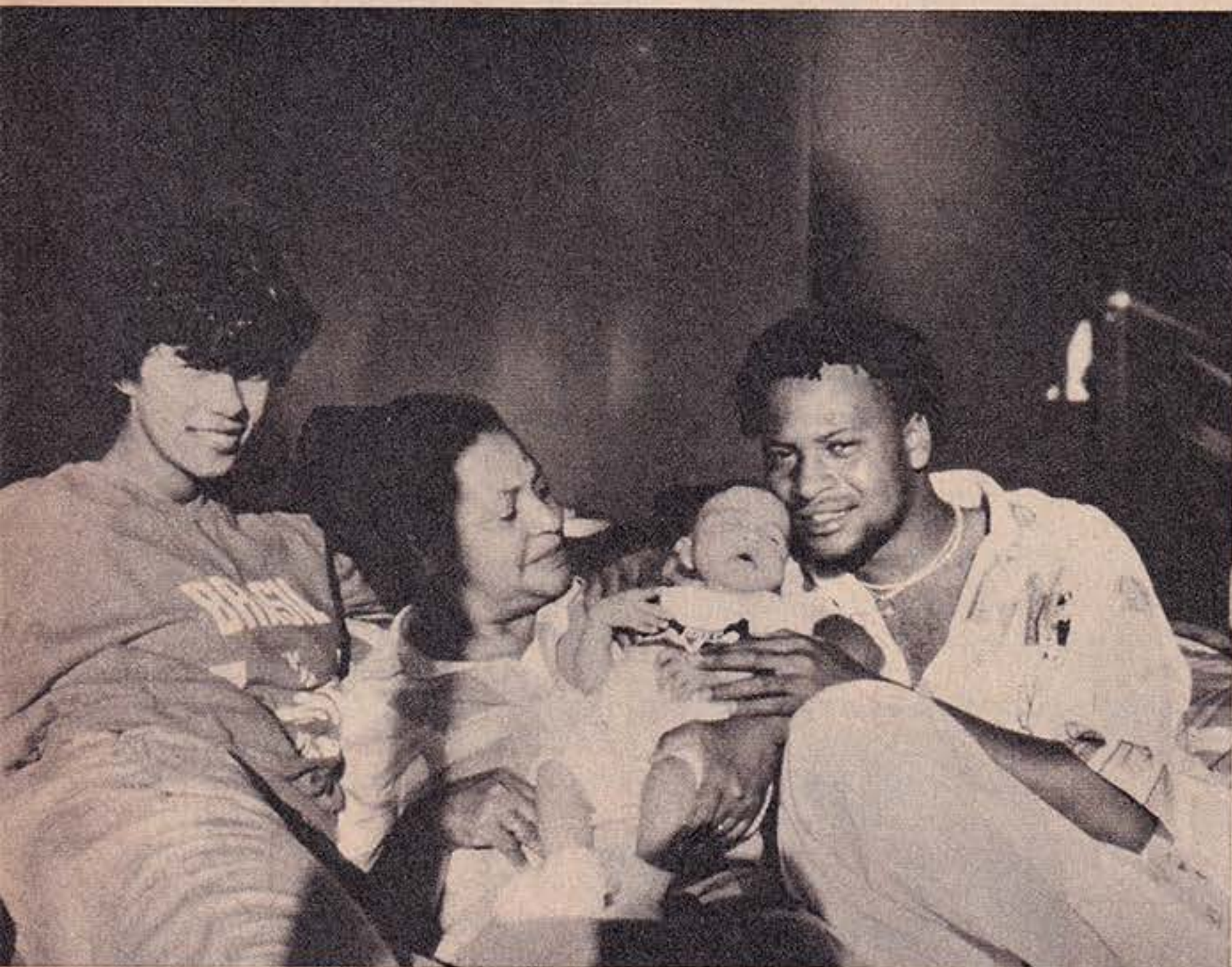
Sob o ponto de vista pessoal, o próprio Sidney acha que também já avançou bastante. Quinto dos sete filhos do pedreiro Sebastião e de dona Maria de Lurdes, Sidney José Tobias reside hoje num confortável e arejado apartamento do bairro do Morumbi, próximo ao estádio, e já faz cálculos sobre a renovação do contrato, que termina no fim deste mês. "É importante que o meu prestígio até lá esteja alto", diz o jogador, que considera baixo o salário atual de 8 milhões de cruzeiros mensais.

CERVEJA E CIGARRO

A perspectiva de um bom aumento já permite a Sidney planejar muitas compras, a partir do ano que vem. As roupas raras, extravagantes e coloridas são uma de suas manias. Ele faz questão de comprá-las com exclusividade na boutique Bacco's, no luxuoso Shopping Center Eldorado. A cerveja, consumida com moderação, e os cigarros *lights* completam o quadro de vícios do craque. Curiosamente, ele é um dos poucos atletas do São Paulo que não possuem automóvel. "Não me ligo em carro", conta. Na verdade, prefere uma moto, mas está proibido de comprá-la pela diretoria do clube. Os cartolas acham esse tipo de transporte perigoso. "Mas no ano que vem vou ter uma", desafia Sidney, antecipando preocupações ao clube.

O modo de vida do jogador recebe total aprovação de sua mulher, Tereza Cristina, ex-jogadora de vôlei do São Paulo. Ultimamente ela tem as atenções concentradas na filha Gabriela, de dois meses. No apartamento do casal, pode-se observar na estante o livro *A Arte de Vencer em 12 Lições*, um presente do perfeccionista Cilinho. Só que Sidney prefere passatempo mais "chocante", de arrepiar: o som contagiante dos discos da roqueira Madonna. Tereza revela que o marido gosta de agitação, é vaidoso e classifica suas trancinhas como "um charme". Embora o ponta tricolor dedique boa parte de seu tempo só para cuidar dos cabelos, sua cabeça sonha com vãos bem altos. Sidney pensa, sobretudo, na Seleção. "Se tiver uma chance, vou barbarizar." Com trancinhas, suor e raça.

João Carlos Rodriguez



Sídney em casa: com a mulher Tereza, a mãe Lurdes e a filha Gabriela

tro, nós precisamos explorar melhor seu potencial", sentencia.

Apesar da recomendação de Falcão, é inegável que o ponta-esquerda do São Paulo já percorreu um considerável caminho. Em 1979, ainda era o meia-direita do clube varzeano Serva, do bairro paulistano de Vila Anastácio, onde foi descoberto pelo técnico Cidinho, dos juvenis do tricolor. Hoje, seis anos depois, orgulha-se de ter aprendido muito com Zé Sérgio — que considera um mestre em sua posi-

representam um sério obstáculo para Sidney. Com 1,76 m e 67 kg, ele é acometido freqüentemente de dores musculares. Não tem flexibilidade perfeita e o chão duro faz com que os músculos de sua panturrilha endureçam, causando muita dor. "Este problema atrapalha muito", revela o preparador físico Bebeto. Além disso, o jogador ressenha-se do fato de ter os pés pequenos (calça chuteiras 37), o que provoca desequilíbrio e constantes tombos. Mesmo assim, disputou 34

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ